



BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Métodos e conteúdos escolares: uma relação necessária. In: \_\_\_\_\_ **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004. (páginas 135-171)

Circe Maria Fernandes Bittencourt possui graduação em História pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP (1967), pós-graduação em Metodologia e Teoria de História pela faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP (1969), mestrado em História Social pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP (1988) e doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo (1993). Atualmente é professora na pós-graduação da Faculdade de Educação USP e da Pontifícia Universidade Católica- SP. Tem experiência na área de história das disciplinas e currículos escolares e educação indígena. Desenvolve pesquisas sobre a história dos livros didáticos, mantendo a organização do banco de dados LIVRES referente aos livros didáticos brasileiros de 1810 a 2007, sobre ensino de história e história da educação, em especial história da educação indígena.

Em sua obra intitulada *Ensino de História: fundamentos e métodos*, a autora aborda os aspectos do ensino da aprendizagem de História trazendo para a discussão os problemas teóricos que fundamentam o conhecimento escolar e os problemas vivenciados nas práticas em sala de aula. Para tanto apresenta a História enquanto conhecimento escolar, sua trajetória é brevemente explorada a fim de despertar o desejo de reflexão sobre o atual momento da disciplina nas escolas de nosso país. Esta resenha tem por finalidade apresentar o primeiro capítulo da segunda parte desta obra, chamado Métodos e conteúdos escolares: uma relação necessária.

Circe Maria Fernandes Bittencourt acredita que na atualidade uma das maiores dificuldades dos professores de História seja em selecionar os conteúdos apropriados para as diferentes situações escolares, sendo esta uma das atribuições dos professores estes devem optar entre manter os denominados conteúdos tradicionais ou selecionar conteúdos significativos para um ambiente escolar repleto de um público com condições social e cultural diversas e de adequá-los a situações de trabalho com métodos e recursos didáticos variados. Além destas condições do sistema escolar, um aspecto fundamental que reside na seleção de conteúdos e o domínio da produção historiográfica e do processo de elaboração e apropriação desse conhecimento no ambiente escolar. Assim apresenta o seguinte questionamento: Conteúdos históricos: como selecionar?

A autora defende que o ponto básico para o estabelecimento de um critério para a seleção dos conteúdos é a concepção de história apropriada pelos professores, logo conhecer e acompanhar as principais tendências da produção historiográfica não se trata apenas de uma questão de cunho teórico mais também de uma necessidade prática, estabelecer relações entre a produção historiográfica e ensino de História é fundamental exige um acompanhamento, mesmo que de forma parcial, dessas produções. Sem ter como principal objetivo apresentar uma ampla reflexão teórica, a autora expõe algumas das tendências historiográficas e suas relações com a produção escolar. (História Narrativa, História Econômica, História Social, História Cultural e História do tempo presente)

A História Narrativa pode ser concebida como uma narrativa de fatos passados, ao historiador cabe escolher por intermédio de uma variedade de documentos, os fatos mais importantes, ordená-los cronologicamente e narrá-los. Esta tendência constituiu-se no século XIX e está relacionada ao historiador prussiano Leopold Von Ranke que se fundamentava no pressuposto da singularidade dos acontecimentos históricos, onde cada fato histórico é único e sem possibilidade de repetição. Dessa forma essa tendência tem como o objetivo mostrar o



que realmente aconteceu utilizando como método a busca e a verificação de documentos fidedignos em arquivos, cujas análises devem eliminar uma apreciação subjetiva.

Os reprodutores dessa corrente dedicaram-se ao estudo da individualidade irreproduzível e única dos atos humanos, destacando figuras das elites e suas biografias. O passado pode, nesta perspectiva, ser reconstruído e de alguma forma revivido tal qual ocorreu, os personagens são apresentados, e as cenas em que se movimentam são descritas com detalhes que possibilitam desenvolver o imaginário da forma mais fiel possível. Reconstituições, do passado da nação por intermédio de grandes personagens serviu como fundamento para a História Escolar privilegiando- estudos das ações políticas, militares e das guerras, a e forma natural de apresentar a história da nação era por intermédio de uma narrativa.

Diversas dúvidas e críticas coexistiram na produção dessa historiografia, suas premissas teóricas foram sempre questionadas no que concerne à objetividade total do historiador e à sua neutralidade, pretendo reconstruir o passado, mas não conferindo formas de reflexão sobre os acontecimentos sem fornecer condições de interpretações. Essa tendência passou a ser denominada de historicismo, cuja metodologia foi conhecida como o positivismo por basear-se justamente em princípios da objetividade e da neutralidade no trabalho do historiador.

A História Econômica e a História Social, no decorrer do século XX a produção historiográfica passou a dividir e disputar espaços com novas ciências sociais que se constituíam na busca da compreensão da sociedade, especialmente a autora destaca a Sociologia, Antropologia e a Economia. Como consequência dessa disputa houve uma renovação na produção historiográfica com paradigmas que visavam ultrapassar o historicismo. A autora citando o historiador Ciro Flamarion, sintetiza as tendências desse percurso identificando duas filiações básicas entre os anos de 1950 a 1968: à Escola de Annales e ao Marxismo.

A Escola de Annales, foi inaugurada por Marc Bloch e LucienFebvre, centrando suas produções em histórias-problema para fornecer respostas às demandas que surgiam no tempo presente, insurgindo-se contra a história política, centrada em ações individuais e no poder bélico como motor da história, passaram a abordar sobre tudo questões históricas consideravam uma mentalidade coletiva como o pensamento da burguesia relacionado à Reforma Protestante, na perspectiva de entender as ações individuais em contextos amplos. O paradigma marxista que se desenvolveu paralelamente ao do grupo dos Annales teve como princípio o caráter científico do conhecimento histórico, e o enfoque de sua análise se deu sobre a estrutura e a dinâmica das sociedades humana.

Apesar das diferenças entre filiações, são destacados alguns pontos básicos, o abandono da história centrada em fatos isolados, a tendência para a análise de fatos coletivos e sociais, a ambição em formular uma síntese histórica global e social, a história passa a ser entendida como ciência do passado e do presente simultaneamente, a consciência da pluralidade do tempo. No ensino da história a tendência marxista foi marcante a partir do final da década de 70 e ainda permanece como base da organização de conteúdos de várias propostas curriculares e de obras didáticas. Os conteúdos escolares foram organizados pela formação econômica das sociedades, situando os indivíduos de acordo com o lugar que ocupado por eles no processo produtivo.

A História Cultural em paralelo com essas vertentes anteriormente apresentadas, no decorrer dos anos 80 muitos historiadores aproximaram-se dos sujeitos e objetos de investigação da Antropologia, esse encontro foi significativo para a compreensão da própria noção de história, cuja existência se iniciava, segundo a maioria das obras didáticas, apenas



após a escrita. Povos sem escrita, esquecidos ou anulados pela história da civilização foram incorporados, os historiadores passaram a recorrer a novos métodos de investigação, introduzindo novas fontes fundamentais para as pesquisas como, a memória oral, as lendas e mitos, os objetos materiais, as construções entre outros.

Sedimentou-se a história cultural que segundo a autora tem realizado o vínculo entre a micro-história e a macro-história e tem sido conhecida como nova história cultural, com propagação em escala mundial. Essa tendência tem procurado renovar a história política, trabalhando os temas, introduzindo a história das culturas políticas, dos regimes e sistemas de governo e das representações de poder. Essa concepção de história que visa articular a micro e macro história é também um desafio para o ensino de História, as relações entre os dois fundamentam algumas das propostas curriculares, e delas depende a seleção de conteúdos históricos escolares. Essas tendências são apresentadas pela autora como uma das tendências mais promissoras.

História do Tempo presente ou o presente como história, essa tendência se dedica a história mais recente, e muitos historiadores se dedicam a ela, um exemplo que temos é na França onde foi criado o Instituto de História do Presente, que se dedica à pesquisa de temas atuais e tem aprofundado os debates teóricos e metodológicos a cerca de um passado muito próximo que inclui a apreensão do presente como história, conhecida também como história imediata. Alguns pesquisadores da área de ensino de História acreditam que se tornou fundamental o domínio conceitual da história do tempo presente, a fim de que o ensino da disciplina possa cumprir uma de suas finalidades a de libertar o aluno do tempo presente, essas ferramentas intelectuais possibilitam que o aluno compreenda fatos cotidianos desprovidos de equívocos.

Por fim tendo uma concepção de história definida para sustentar a seleção dos conteúdos a serem ministrados, a autora apresenta outra problemática enfrentada pelos professores no cotidiano escolar, privilegiar uma história nacional ou mundial? Ao longo do ensino de História no Brasil, a história geral ou das civilizações tem sido privilegiada e a atualidade a história brasileira tem sido colocada em posição secundária, conforme a autora pode-se verificar utilizando as tendências da produção didática, voltada para compreensão do mundo globalizado.

Tendências e perspectivas do ensino de História do Brasil, por estarmos na era da mundialização parecem estar ultrapassadas no ensino da História Nacional, muitas vezes entendido como responsável pela constituição de uma identidade. As produções didáticas mais recentes apresentam uma diminuição acentuada de conteúdos da história nacional, trata-se de uma tendência associada à concepção de história integrada, uma abordagem inovada que conta com a introdução do tempo sincrônico, que permite estabelecer relações entre o tempo e espaço e entre a história nacional e a mundial.

Segundo a autora, a diminuição dos conteúdos referentes ao Brasil explica-se não pela a inserção em uma história integrada, mas pela opção teórica que continua priorizando apenas as explicações estruturais para as situações nacionais ou regionais. Os problemas nacionais, e as explicações históricas são fornecidos externamente. Defende ser importante incluir o estudo de outras sociedades para a compreensão da sociedade brasileira.

A História Regional e Nacional tem caracterizado parte da produção historiográficas de vários países, especialmente do Brasil. Passou a ser valorizada em virtude da possibilidade de fornecimento de explicações na configuração, transformação e representação social do espaço nacional. No ensino sua característica básica tem sido a produção de uma história de caráter nacional, não deixando de estudar na escola o estudo do local, das histórias das cidades dos estados e regiões. Tem sido comum em propostas curriculares em algumas



produções didáticas atuais introdução do cotidiano e a história social, a autora que acredita que esse tema merece uma reflexão a respeito de seus pressupostos, para uma seleção de conteúdos coerente com os objetivos centrais da disciplina.

A concepção de cotidiano tem se convertido em uma das correntes assumidas por gerações de historiadores preocupados com uma história social capaz de redimensionar a visão política, uma introdução dessa história como objeto de estudo escolar requer que a exploração das possibilidades inerentes ao cotidiano do aluno, sem se limitar a constatar o real ou as motivações possíveis para os alunos pouco motivados pelo ensino da história tradicional. Dessa forma a autora defende que o cotidiano deve ser utilizado como objeto de estudo escolas pelas possibilidades que oferece de visualizar as transformações possíveis realizadas por homens comuns, ultrapassando a idéia de que a vida cotidiana é repleta e permeada de alienação.

Já a memória local tem sido indicada como necessária para o ensino por possibilitar a compreensão do entorno do aluno, identificando o passado sempre presente nos vários espaços de convivência como escola, casa, comunidade, trabalho e lazer, e igualmente por situar os problemas significativos da história do presente. De forma resumida a autora apresenta maneiras de estabelecer esses dois termos memória e história: Memória social – relação coletiva que a comunidade estabelece com seu passado, funciona pela seleção e eliminação, realizam omissões, corpo vivo do processo de se relacionar com o passado e relações com o passado e variações de acordo com idade, sexo, ocupação, origem e História – trabalha com a acumulação dessa memória, reordena o tempo passado medindo-o periodizando o e estabelecendo um crítica sobre a educação, usa método para recompor os dados da memória, confronta as memórias individuais e sociais com outros documentos, situam os testemunhos orais no tempo e no espaço e o lugar de onde falam.

Diante de todo esse conteúdo exposto para a reflexão, a autora prega que os conteúdos históricos escolares podem ser variados e não necessitam de uma programação estabelecida externamente, mais é preciso que os professores tenham conhecimentos acerca de temas como os apresentados nesse capítulo capaz de subsidiar critérios que fundamentem suas escolhas. Esta coerência de uma opção de conteúdos ocorre pela concepção de história que por sua vez, fundamenta os conceitos. Estes, juntamente com as informações e as narrativas, constituem o conteúdo dito como histórico escolar.

Acredita-se que o estudo do capítulo desse livro é de fundamental importância para os acadêmicos de licenciaturas, professores e demais interessados na temática do ensino da disciplina história seus fundamentos e métodos, pois fornece ao leitor fundamentos sobre a seleção de conteúdos – abordando tendências historiográficas e conceitos de história mundial, nacional, regional e local, informações capazes de proporcionar um momento de reflexão sobre as finalidades do ensino de História e seu papel na formação dos educandos.

**Resenha elaborada por Crystyne Silva de Matos Gomes, graduanda em Pedagogia pela Univerdade Federal de Mato Grosso.**